



Negros de Verdade

(Dramatização do poema Navio Negreiro – de Castro Alves)

11/2007

Demétrius Melo de Souza

Termos de Uso:

Montagens:

Todos sabemos que é crime utilizar texto autoral, pelo menos para fins lucrativos, sem a autorização formal do autor. Eu não pretendo cobrar pela utilização do texto no teatro, nem criar obstáculos para quem quiser colocá-lo no palco. Mas quero ser informado sobre as montagens que estão sendo feitas com ele, podendo inclusive divulgar neste site sem qualquer despesa para o produtor. De qualquer maneira, em todas as montagens que forem feitas, o seguinte roteiro deve ser seguido:

- Mandar uma mensagem para mim através da página <http://www.escolademestres.com> solicitando autorização para fazer a montagem, com dados de quem está produzindo e/ou dirigindo o espetáculo.
- Incluir no material promocional (a título de apoio ou patrocínio) o nome Escola de Mestres e o endereço: <http://www.escolademestres.com>, legível.
- Manter-me informado sobre as apresentações (e-mails, fotos, vídeos etc).

Impressão:

Quem se interessar em publicar o texto deverá entrar em contato comigo e obter uma autorização formal, por escrito.

A primeira voz é uma voz feminina.
As outras são masculinas.

Primeira voz:

O mar é negro...

Assim como são negros os nossos mais profundos abismos,
que nos seduzem, que nos devoram e nos dilaceram.

Qualquer um pode entrar no mar.

Uma vez lá dentro, não há homem ou máquina na face da
Terra capaz de intervir na sua vontade.

Não há homem ou máquina na face da Terra capaz de
CONHECER, verdadeiramente, a sua vontade.

Se não seguir suas regras, com certeza não sairá dele.

Se seguir, mesmo assim, pode não sair também.

Eis o mar...

Se entrarmos, não saberemos se vamos sair, ou se vamos
chegar onde de fato pretendemos, ou se vamos nos perder
em seus mistérios e esquecer completamente o que nos
levou lá...

Eis a vida como a sentimos...

Negra como o mar...

Todos (vozes masculinas):

‘Stamos em pleno mar!...

Primeira voz:

O céu é branco...
E só fica negro quando se enche de mar.
Ninguém toca o céu e não há tristeza lá.
Ele recebe e hospeda nossos sonhos e nos dá o conforto de
que precisamos para prosseguirmos...
mesmo sabendo, eventualmente, que jamais chegaremos lá.
O Homem olha para o céu e desliza sobre o mar.
Para ele, sua vida está lá em cima.
Intangível.
Perfeita.
Detalhadamente planejada e executada...
Sem manchas.
Eis a vida como a imaginamos.
A vida é branca como o céu.

*****Mudança de perfil*****

Todos (vozes masculinas) –

‘Stamos em pleno mar!

Segunda voz

Douo no espaço Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

Todos (vozes masculinas) –

‘Stamos em pleno mar!

Terceira voz

Do firmamento Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

Todos (vozes masculinas) –

‘Stamos em pleno mar!

Primeira voz

Dois infinitos Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? qual o oceano?...

Todos (vozes masculinas) –

‘Stamos em pleno mar!

Terceira voz

Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Primeira voz

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?

Segunda voz

Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Terceira voz

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!

Primeira voz

Embaixo — o mar
em cima — o firmamento...

Segunda voz

E no mar e no céu — a imensidade!

Primeira voz

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Segunda voz

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

Terceira voz

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Segunda voz

Albatroz!

Terceira voz

Albatroz!

Primeira voz

águia do oceano,

Terceira voz

Tu que dormes das nuvens entre as gazas,

Segunda voz

Sacode as penas, Leviathan do espaço,

Primeira voz

Albatroz! Albatroz!

Todos

dá-me estas asas.

*****Mudança de perfil*****

Primeira voz:

O sol finaliza mais uma turnê diária pelo firmamento.

E, cansado do assédio de seus fãs, debruça-se, preguiçoso,
sobre o encontro do céu com o mar.

Abre a cortina da noite para as estrelas posarem

Terceira voz

(e espiarem!...)

Primeira voz

Lá onde o céu parece encontrar o oceano.

Segunda voz

Lá no encontro de tudo que fingimos ser com tudo que sonhamos realizar.

Terceira voz

Aquele lugar de existência duvidosa que, dia-a-dia, e durante toda a vida, ansiamos alcançar.

Primeira voz

Ele olha para nós.

E delicadamente risca o negro espelho d'água.

Montando um tapete de luz, mostra-nos o caminho para o horizonte.

E nos convida a caminhar sobre ele.

O que fazer agora?

Segunda voz:

Será que tenho condições de chegar lá?

Terceira voz:

Será que sou de fato o nauta mais apto para dar cabo das procelas deste incógnito oceano da minha vida?

Primeira voz

O tempo passa e, apesar de vermos o caminho, bem ali na nossa frente, reluzente, sobre a vasta planície d'água, não conseguimos dar os primeiros passos.

Terceira voz

E, mais uma vez, hesitamos em desbravar aquele imensurável deserto que abriga, inexpugnável, o produto insólito dos nossos pudores e indiferenças.

Primeira voz

E como nunca damos os primeiros passos, nem os próximos, nunca conseguimos diminuir a derradeira distância que nos separa do céu de nossas ilusões e do mar dos princípios em que acreditamos e que achamos que seguimos.

Terceira voz

Hesitamos.

Segunda voz

Hesitamos.

Primeira voz

Hesitamos.

A mente voa, o coração explode, as pernas tremem...

E o sol se vai.

Terceira voz

Já passou a hora.

Segunda voz

Quem sabe amanhã?

Terceira voz

No dia seguinte o sol aparece risonho como que dizendo:

Segunda voz

- Não disse? És fraco demais! Nunca serás capaz!

Primeira voz

E passamos o dia inteiro assediando o sol, mirando o branco céu com nossos projetos mirabolantes para vencermos aquele oceano de fraquezas que parece definitivamente ignorar a nossa presença.

Ao fim do dia, o sol chama todos as outras estrelas para assistirem, risonhas, a nossa derrocada.

Mais uma vez...

Terceira voz

Hesitamos,

Segunda voz

hesitamos,

Primeira voz

hesitamos.

Segunda voz

E não avançamos.

Primeira voz

Ele ri, como se já soubesse de tudo, e desaparece.

Sentamo-nos. Pernas trêmulas. Cotovelos às coxas...

Mãos apóiam a cabeça e os pensamentos, como folhas secas, são seduzidos pela brisa...

Não vemos mais o horizonte...

Terceira voz

Qual dos dois é mesmo o céu?

Qual é o oceano?

Segunda voz

São realmente dois?

Terceira voz

São realmente algum?

Primeira voz

Enfim...

Já passou a hora...

Todos

Quem sabe amanhã?

*****Mudança de perfil*****

Terceira voz

Que importa do nauta o berço,

Donde é filho, qual seu lar?

Ama a cadência do verso

Que lhe ensina o velho mar!

Segunda voz

Cantai! que a morte é divina!

Resvala o brigue à bolina

Como golfinho veloz.

Presas ao mastro da mezena

Saudosa bandeira acena

As vagas que deixa após.

Terceira voz

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!

Primeira voz

Da Itália o filho indolente

Terceira voz

Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,

Segunda voz

Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!

Terceira voz

O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,

Primeira voz

(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),

Terceira voz

Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir...

Segunda voz

O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado

Primeira voz

E os loureiros do porvir!

Segunda voz

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,

Terceira voz

Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu ...

Segunda voz

Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu! ...

*****Mudança de perfil*****

Segunda voz

Escuridão...

Terceira voz

O palco, embebido num silêncio retumbante, faz estrelar:
A PENUMBRA.

*****Mudança de perfil*****

Segunda voz

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!

Terceira voz

Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!

Segunda voz

Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!

Primeira voz

É canto funeral! ...

Terceira voz

Que téticas figuras! ...

Segunda voz

Que cena infame e vil...

Primeira voz

Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

*****Mudança de perfil*****

Primeira voz:

Fisicamente, o negro é a ausência de luz.

E não há muito mais o que fazer diante do negro, além voltar
os olhos para dentro de nós mesmos.

É claro que há negros que são brancos por dentro.

Terceira voz

(Ou brancos que são negros por fora...)

Segunda voz

E que também há brancos que são negros por dentro.

Terceira voz

(Ou mesmo negros que são brancos por fora...)

Primeira voz

Bom... Eu acho que isso não interessa...

Terceira voz

(Ou não deveria interessar!)

Primeira voz

Como dizia, negro é ausência de luz.

Negro não é cor; é ausência de cor.

Negros somos nós quando cansamos de procurar luz na escuridão, fechamos os olhos e...

... nos vemos...

Paradoxalmente, da maneira mais verdadeira, transparente e impiedosa, como nem todas as cores, ou toda a luz do vaidoso Sol, poderiam mostrar.

Segunda voz

A solidão é negra.

Terceira voz

O silêncio é negro.

Primeira voz

Negros são os pensamentos que nos assombram e os sonhos que nos desdenham.

Terceira voz

A paz sonhada é branca.

Segunda voz

E os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade.

Primeira voz

Branco são os devaneios ingênuos e a lembrança do aconchego do lar.

Negras são as transformações por que temos que passar para torná-los realidade.

Negra é a noite que gentilmente permite o espetáculo das estrelas.

Branco é o dia que nos protege de nossos maus presságios. Pendura na atmosfera um colar de mil cores, que chamamos de arco-íris, e nos faz crer que tudo que não seguimos,

Segunda voz

que não fizemos,

Terceira voz

que não percebemos

Primeira voz

não passou de um sonho.

E que tudo será diferente a partir de amanhã...

Segunda voz

A escravidão do corpo é negra.

E se você for alvejado por ela, dificilmente poderá escapar.

Terceira voz

A escravidão da mente e do coração...

Segunda voz

Ah. Esta é branca!

Primeira voz

Escravos dos bens, do dinheiro, da televisão.

Escravos do aconchego do lar, do amor de nossos pais e filhos.

Escravos da nossa acomodação.

Graças a esta escravidão, branca, limpa, aparentemente sem mácula, olhamos, lá longe, nossos princípios ruírem, dia após dia.

O destino, poderoso, chega a se urinar de escárnio, frente às correntes que nos prendem ao cais, pacato, confortável e protegido de nosso cotidiano.

Segunda voz

E, continuamente, vamos jogando no mar tudo o que passamos vergonhosamente, quando não orgulhosamente, a tachar como utopia...

Terceira voz

Acreditando que o mar, para sempre, respeitará a nossa marina.

Primeira voz

Torpe ilusão.

Segunda voz

Não há como conhecer os caminhos do mar fora do mar.

Terceira voz

E se não respeitarmos as suas leis ele nos devora, com marina e tudo.

Primeira voz

Graças a esta escravidão branca existe a escravidão negra.
E não há cor de pele que escape da primeira!...
E, cedo ou tarde, não há cor de pele capaz de escapar da
segunda.

*****Mudança de perfil*****

Segunda voz

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.

Terceira voz

Tinir de ferros... estalar de açoite...

Segunda voz

Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Terceira voz

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças,
cujas bocas pretas Rega o sangue das mães

Segunda voz

Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!

Terceira voz

Um de raiva delira, outro enlouquece,

Segunda voz

Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros

Terceira voz

"Vibrai riço o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

Segunda voz

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...

Terceira voz

Gritos,

Segunda voz

ais,

Terceira voz

maldições,

Segunda voz

preces ressoam!

Todos

E ri-se Satanás!...

*****Mudança de perfil*****

Primeira voz

As estimativas mais modestas apontam para um tráfico de 11 milhões de africanos nos cerca de quatrocentos anos de escravatura (negra) oficial.

Cerca de 40% morriam na viagem, e eram jogados ao mar.

Mesmo assim, o tráfico ainda era extremamente lucrativo.

Segunda voz

A África perdeu seus filhos.

Terceira voz

Escravos negros que vieram para as Américas, principalmente, produziram e extraíram riquezas que mantinham e alimentavam a nobreza dos escravos brancos das cortes européias.

Segunda voz

Contraditoriamente, sua cultura contagiante mudou, quando não criou, forma, textura e conteúdo de conceitos e práticas ligados principalmente à música e à religião.

O mundo, hoje, canta, dança, compreende e conversa com Deus de forma diferente.

Primeira voz

Também contraditoriamente, o banho negro de cultura ajudou a libertar de todo tipo de escravidão, negra ou branca, alguns dos novos filhos da África vestidos, agora, com todas as cores de pele.

Segunda voz

Mas a África, ainda hoje, perde seus filhos para o mundo. A senzala mudou de nome, despe e reveste o relevo, derramando os espectros dos navios negreiros pelos solos da América.

Terceira voz

De acordo com o UNICEF, em 1999, na virada do século, morria, só de Sarampo, na África, uma criança por minuto. Todos os dias.

Primeira voz

O preço de uma vacina efetiva para o Sarampo custava menos de 1 dólar por criança.

Segunda voz

Isso equivale ao número de vítimas que teríamos com 3 pares de torres gêmeas desabando por semana só com crianças vitimadas por Sarampo...

Primeira voz

E o silêncio...

***** Silêncio *****

Terceira voz

A mãe África, que alimentou grande parte da civilização que conhecemos, com cultura, sangue e suor, agoniza. E continua a perder seus filhos pelo o mundo.

Primeira voz

Metade da população mundial, cerca de 3 bilhões de pessoas, sobrevivem com menos de dois dólares por dia.

Terceira voz

Cerca de 1 bilhão de pessoas entraram no século 21 sem condições de ler um livro ou assinar o seu nome.

Terceira voz

Cerca de 1 milhão e oitocentas mil crianças ainda morrem, no mundo, todos os anos, de diarreia.

Segunda voz

E o silêncio...

***** Silêncio *****

Primeira voz

Às vezes não vimos... Às vezes não protestamos... Ou não percebemos, ou não agimos a tempo.

Segunda voz

Com a chegada do ano 2000, menos de 1 por cento do que era gasto com armas já teria sido suficiente para colocar todas as crianças do mundo na escola...

E, mesmo assim, isso não foi feito.

Terceira voz

Mas felizmente, apesar da desolação de todo este quadro, o banho negro de cultura ajudou a libertar de todo tipo de escravidão, negra ou branca, alguns dos novos filhos da África vestidos, agora, com todas as cores de pele.

Primeira voz

E, parafraseando um deles,
quem aceita o mal sem protestar...

Terceira voz

Coopera realmente com ele.

Primeira voz

Quem aceita o mal sem protestar, coopera...
Realmente coopera com ele.

*****Mudança de perfil*****

Segunda voz

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!

Terceira voz

Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...

Segunda voz

Astros! noites! tempestades!

Terceira voz

Rolai das imensidades!

Segunda voz

Varrei os mares, tufão!

Terceira voz

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?

Segunda voz

Quem são?

Terceira voz

Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,

Segunda voz

Musa libérrima,

Terceira voz

audaz!...

Primeira voz

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...

São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.

Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão. . .

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.

Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com tíbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...

Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus ...
... Adeus, ó choça do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...

Terceira voz

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó.
Depois no horizonte imenso
Desertos...

Segunda voz

desertos só...

E a fome,

Terceira voz

o cansaço, a sede...

Ai! quanto infeliz que cede,

E cai p'ra não mais s'erguer!...

Segunda voz

Vaga um lugar na cadeia,

Mas o chacal sobre a areia

Acha um corpo que roer.

Terceira voz

Ontem a Serra Leoa,

A guerra, a caça ao leão,

O sono dormido à toa

Sob as tendas d'amplidão!

Segunda voz

Hoje... o porão negro, fundo,

Infecto, apertado, imundo,

Tendo a peste por jaguar...

Terceira voz

E o sono sempre cortado

Pelo arranco de um finado,

Segunda voz

E o baque de um corpo ao mar...

Terceira voz

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...

Segunda voz

Hoje...

Terceira voz

cúm'lo de maldade,

Segunda voz

Nem são livres p'ra morrer. ..

Terceira voz

Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do aço(i)ute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!

Segunda voz

Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...

Terceira voz

Astros! noites! tempestades!

Segunda voz

Rolai das imensidades!

Terceira voz

Varrei os mares, tufão!

*****Mudança de perfil*****

Segunda voz

Estamos todos num imenso Navio Negreiro...

Um Navio Negreiro do tamanho da Terra.

Tão grande, que muitos de nós duvidam da sua existência.

Primeira voz

Temos medo do negro mar das transformações por que devemos passar assim como das atitudes que rotineiramente adiamos e insistimos em não tomar.

Vivemos como capatazes virtuais.

Segunda voz

A escravidão negra hoje não pode mais se dar ao luxo de escolher cor de pele.

E nós açoitamos as suas vítimas com a nossa indiferença, com a nossa ignorância seletiva e com o poderoso argumento da presunção da impotência.

Primeira voz

Afinal de contas, o que é que eu posso fazer?

Segunda voz

Repetem pedreiros,

Terceira voz

domésticas,

Primeira voz

engenheiros,

Segunda voz

artistas,

Terceira voz

promotores,

Primeira voz

juízes,

Segunda voz

deputados,

Terceira voz

senadores,

Primeira voz

governadores,

Segunda voz

presidentes...

Terceira voz

O que é que eu posso fazer?

Segunda voz

Passam os dias, as luas e as estações.

E não tomamos as grandes ou pequenas atitudes capazes de transformar em árvores as sementes de nossas convicções.

Mas um dia a chuva chega...

Primeira voz

Se não for forte demais, daremos graças a Deus por estarmos num lugar privilegiado da encosta.

Terceira voz

Se for, terá chegado a hora de sentirmos, na pele, qualquer que seja a cor dela, os efeitos de nossa hesitação.

Primeira voz

Mas há aqueles que mergulham na escuridão das suas próprias águas e lutam contra suas feras...

E sobrevivem a elas.

Emergem de lá exaustos e feridos.

Mas bem mais fortes, renovados e ungidos de pleno orgulho.

Saem, portanto, completamente negros.

Segunda voz

Saem NEGROS DE VERDADE!

Terceira voz

Saem negros de coragem!

Primeira voz

Saem negros de liberdade!

Olham para o horizonte, caminham impávidos sobre o espelho d'água e, como jamais haviam feito antes, flagram o branco céu despetalando um buquê de cores, uma para cada sonho, delírio ou desvario que a sua límpida mente de criança pudesse ter escondido arditosamente em seus confins...

Para estes, todo tipo de escravidão estará com seus dias contados.

Segunda voz

Para estes, o Navio Negreiro será para sempre ancorado e só persistirá navegando na mente dos seus descendentes, para que nunca mais semelhante golpe seja desferido contra as gentes e a história deste planeta.

*****Mudança de perfil*****

Terceira voz

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...

Segunda voz

Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Primeira voz

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Segunda voz

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!

Terceira voz

Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!

Segunda voz

Andrada! arranca esse pendão dos ares!

Terceira voz

Colombo! fecha a porta dos teus mares!

// Os atores se livram do perfil

// Começa o ÔooÔoo... do Canto das Três Raças¹ como fundo.

// Os trechos em verde, a seguir são a letra desta música.

// Ao fim deste trecho entra o samba sem introdução já com a letra no início :“Ninguém ouviu...”

Segunda voz

Ninguém ouviu

Um soluçar de dor no canto do Brasil

Terceira voz

Era um sonho dantesco... o tombadilho

Que das luzernas avermelha o brilho.

Em sangue a se banhar.

Tinir de ferros...

estalar de açoite...

Legiões de homens negros como a noite,

Horrendos a dançar...

Primeira voz

Um lamento triste sempre ecoou

Desde que o índio guerreiro foi pro cativo e de lá cantou

Terceira voz

Preso nos elos de uma só cadeia,

A multidão faminta cambaleia,

E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece,

¹ Canto das Três Raças : de Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro (texto em verde)

Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

Primeira voz

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No quilombo dos Palmares
Onde se refugiou

Segunda voz

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!

Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Terceira voz

Fora à luta dos inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

Primeira voz

E de guerra em paz, de paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar canta de dor

Todos

ÔooÔoo... ÔooÔooooÔoo

// O coro continua, baixinho, por parte da primeira e da segunda vozes

Terceira voz

E ecoa a noite e o dia, é ensurdecador
Ah, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia, ser um canto de alegria
Soa apenas como um soluçar de dor

// Silêncio. A luz vai se apagando até a escuridão total.

Primeira voz

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

//Depois, ainda com a música, mais baixa, a luz volta e são feitos os agradecimentos e apresentações.

Fontes:

<http://www.globalissues.org/TradeRelated/Facts.asp#fact1>

<http://www.fightpoverty.mmbrico.com/facts/africa.html>

<http://www.measlesinitiative.org/index3.asp>

http://www.unicef.org/media/media_38069.html

http://www.unicef.org/media/media_39453.html